

SHELOMO BEN ISRAEL

# UMA AVENTURA NA FRONTEIRA

Tradução de POLA LAKS



Edições "DROR"

1947

## APRESENTAÇÃO

Com o presente folheto iniciamos uma nova série de publicações educativas, no sentido de atender aos anseios das "shchavot" menores do nosso movimento e, em geral, dos setores juvenis no Brasil.

Conseguimos, assim, concretizar um antigo anel em nossa ação positiva de divulgação sistemática.

Creemos ser este o primeiro intento de publicações desse gênero e apreciariamos receber a opinião dos pais e mestres afim de podermos prosseguir com nosso labor, na formação de uma juventude livre e consciente da sua missão no seio de um povo que renasce.

Organização Juvenil Sionista "DROR"  
Bureau Central para o Brasil

SHELOMO BEN ISRAEL

# UMA AVENTURA NA FRONTEIRA

Tradução de POLA LAKS



Edições "DROR"  
1947

---

Organização Juvenil Sionista DROR  
Lishcá Mercazit

## GLOSSÁRIO DE TERMOS

- 1 — KVUTZÁ — Pequena colônia coletiva em Eretz Israel, cujos membros compartilham igualmente dos trabalhos, responsabilidades e lucros da comunidade.
- 2 — ABBAIA — Vestimenta árabe feita de lã, parecida com uma capa larga e comprida.
- 3 — KOOFIA — Chapeu árabe (ver o desenho da pág. 12).
- 4 — FELÁ — Palavra árabe que significa fazendeiro, lavrador.
- 5 — PITTA — Pão árabe, semelhante a "matzo" espesso e redondo.
- 6 — HERMON — Montanha no norte da Galiléia, na fronteira com a Siria. A famosa colônia de Tel-Chai está situada em sua base. É a montanha mais elevada da Palestina (2750 metros). Seu majestoso pico está permanentemente coberto de neve, e é visível de longínquas distâncias.
- 7 — ROSH PINA — Colônia em Eretz Israel. Fundada em 1882, sendo uma das primeiras colônias criadas pelos judeus que iniciaram a redenção da Terra de Israel.

## UMA AVENTURA NA FRONTEIRA

Shelomo Ben-Israel

### I

Uriel contava apenas quatorze anos, mas já tinha idade suficiente para compreender que algo estava por acontecer. Podia sentir-lo no ar que o cercava. A "kvutzá" (1) estava envolta em um grande mistério.

Cerca das dez horas da manhã, um carro do exército apareceu na povoação e três oficiais do exército apresentaram-se no refeitório, perguntando pelo "chefe". Jonathan, o "shomer" (guarda), montou no seu cavalo Nesher (águia) e galopou em direção ao campo, enquanto os oficiais eram servidos com leite gelado pelas mulheres da cozinha. Logo, Jonathan voltou em companhia de Ezra, o chefe do comitê da "kvutzá", e os oficiais seguiram-no ao seu gabinete. Jonathan, Baruch e Dan reuniram-se a eles, um pouco mais tarde, e começaram a confabular.

Uriel sentia curiosidade em saber o que estava acontecendo e perguntou a Iafa e Tova, que trabalhavam na cozinha, mas elas nada lhe contaram. Mais tarde, quando os homens voltaram do seu trabalho também lhes perguntou.

— Não nos incomode agora — retrucaram-lhe.

— Os oficiais ingleses ainda estão lá — susurrou Gideon a Uriel na hora da janta. — Um deles é um major. Eu espiei pela janela. Ele tem uma cicatriz na testa.

— Aquél que tem a cicatriz é um coronel — observou Oved.

— Não sabes o que estás dizendo. Além disso, não tens mais de dez anos, portanto fica quieto! — disse Gideon levantando o dedo com a dignidade de pessoa mais velha. Ele tinha doze anos.

— Vocês são mesmo crianças — observou Uriel — está por suceder algo muito grave e vocês estão brigando a respeito de idades.

Gideon e Oved baixaram os olhos sobre os pratos. Uriel tinha razão. Todos na "kvutzá" estavam nervosos e em silêncio; as pessoas falavam em voz baixa. Todos viram como Iafa e Tova encheram de comida as bandejas e levaram-nas ao gabinete.

— Deve ser uma conferência importante, se não podem vir ao refeitório — refletiu Uriel.

"Kol Ierushalaim" (a voz de Jerusalem) — anunciou o alto falante do rádio: "Hinei hachadshot ha'achronot" (aqui estão as últimas notícias). Todos puseram as colheres de lado. Fisionomias ansiosas voltaram-se em direção do alto-falante. Fez-se silêncio. A voz agradável do locutor não os animou desta vez. As notícias eram más... Os nazistas estavam avançando na Líbia e aproximando-se do Egito e da Palestina. Desordens no Iraque... Matanças em massa na Europa... Muitos que há alguns meses ainda se encontravam sentados ao redor da mesa neste refei-

tório, haviam-se apresentado como voluntários e se encontravam agora nos campos de batalha. Alguns dentre eles haviam morrido ou desaparecido em ação: Abrão, o ruivo; José, que costumava dirigir o caminhão do leite para a cidade tôdas as manhãs; Samuel, que sabia consertar tudo na "kvutzá", desde um motor até um arado ou um brinquedo — todos haviam desaparecido... Moshe Primeiro, que era o melhor carpinteiro da Galiléia e que organizava todos os espetáculos teatrais, fora ferido perto de Tobruk e se encontrava num hospital, sem uma perna... e ainda havia outros nas frentes de batalha: Moshe Segundo e Nahum; Sara e Bracha que se apresentaram como enfermeiras voluntárias; e Joshua, o condutor do trator, cuja esposa trabalhava atualmente na cozinha; e Pinchas, que chorou quando se despediu das mulas e dos cavalos no estábulo...

As notícias eram más. Os alemães estavam começando a se infiltrar na Síria. Eles poderiam desfilar um ataque à Palestina partindo desta direção...

As fisionomias dos ouvintes que se encontravam no refeitório empalideceram. Não era medo. Uriel podia observar a destemida resolução nos olhos e nos dentes cerrados de seus companheiros. Tampouco ele sentia medo. Sabia o que haveria de fazer se os nazistas aparecessem. Lutaria. Ninguém poderia detê-lo. Até mesmo Gideon e Oved lutariam com pedras, facas e foices. Sómente depois da morte de cada um deles é que o inimigo poderia pisar no solo de sua pátria.

Acabado o noticiário, alguém fechou o rádio. O refeitório permaneceu em silêncio. Ninguém

continuou a comer. As pessoas baixavam o olhar para as suas tijelas semi-cheias, não se sentindo com coragem de pegar nas colheres e nos garfos. De repente, ouviram-se passos pesados e Ezra apareceu.

As pessoas voltaram os olhos para êle, em grande expectativa. Trazia uma mensagem e todos sabiam disso. Seus cabelos estava revolto como de costume, o cigarro pendia do canto de sua boca; dirigiu-se para o centro da sala e falou, numa voz rouca:

— Camaradas! Fomos convocados pelo exército inglês afim de fornecer vinte voluntários para uma missão muito perigosa. Baruch, Jonathan, Dan e eu já nos oferecemos. Necessitamos ainda 16 camaradas.

Fez-se silêncio. Ninguém falou, mas todos os homens começaram a levantar-se. Cansados após um longo dia de labuta, afastaram desajeitadamente as pesadas cadeiras e caminharam em direção a Ezra.

— E's jovem demais, Uriel! Isto não é trabalho para um menino! — disse Ezra, ao reparar que o menino se erguia juntamente com os homens. Disse-o numa voz severa, mas seu rosto cansado iluminou-se num sorriso. Todos os outros também sorriram.

— Tenho 14 anos, Ezra — replicou Uriel — Já arei sozinho com um grupo de seis mulas.

— Eu sei, Uriel — disse Ezra — Eu te observei no campo, mas desta vez não posso levar-te. Nem tampouco podemos aceitar todos vocês — vi-

rou-se para o grupo — Só necessitamos de mais 16 e aqui vejo dez vêzes êste número. A assembleia geral da "kvutzá" terá de escolher.

Interrompeu-se por um momento, examinando-os.

— Daniel! Abrão! David! Shabtai! Chamou os nomes, apontando com o dedo para as pessoas escolhidas. Todos êles afastaram-se para um lado.

— Partimos hoje a noite e estaremos ausentes por alguns dias...

Realizou-se uma reunião da "kvutzá" e o grupo de voluntários, Ezra entre êles, foi imediatamente aprovado. Ezra, então voltou-se para o grupo e fez-lhes um sinal para que o seguissem.

— O major está a nossa espera — disse êle. — Ele nos dará as instruções sobre o que devemos fazer.

— Estás vendo? Que foi que eu te disse? — susurrou Gideon em tom triunfante. — Ouviste? Ele é um major e não um coronel.

— Ora, não me amoles — disse Uriel — Que me importa o que êle é?

## II

Na manhã seguinte Uriel desapareceu. Sara encontrou um bilhete pregado sobre o seu travesseiro. "Não te preocipes, mamãe, eu vou seguir papai. Sinto que também devo contribuir com minha parte. Já não sou mais criança. Nossa país está em perigo e ninguém deve permanecer ocioso. Peço-te que não chores. Envio-te todo meu amor. Uriel"

Sara não pôde deixar de chorar. Durante alguns momentos permaneceu sentada na beira de sua cama, olhando para o bilhete e tentando controlar suas emoções. "Eu dei dois homens, dois homens" murmurou, engolindo as lágrimas.

Depois dirigiu-se para o refeitório e pregou o bilhete de seu filho no quadro de notícias. Ainda estava escuro e as lâmpadas tinham um brilho fosco na sala. Ouviu-se o som do sino no páteo, chamando as pessoas para a primeira refeição da manhã. Começaram a aparecer de todas as direções; muito poucos haviam dormido esta noite. A maioria deles ficaram despertos até as três da madrugada para despedir-se dos vinte voluntários. Entre eles achava-se Elisha, o marido de Sara — pai de Uriel. Agora todos leram o bilhete que se encontrava no quadro: "Também Uriel partiu". A notícia espalhou-se.

Todos lembraram-se de como o rapaz levanta-

ra-se junto com os outros quando Ezra convocou os voluntários.

— Então ele foi sem permissão. Devia levar uma surra — disse Iaakov.

— Não estás falando sério, não é?

— Claro que não! — sorriu Iaakov.

— Espero que nada de mal lhe suceda — suspirou Sara.

— Não te preocipes, Sara! — disse Iaakov — Uriel é um rapaz valente e esperto. E além disso, Elisha cuidará dele. Não chores!

— Não estou ... cho... ran... do — Sara limpou as lágrimas — Sinto-me orgulhosa por ele... Estou preocupada pelo seu bem estar. Que Deus o proteja...

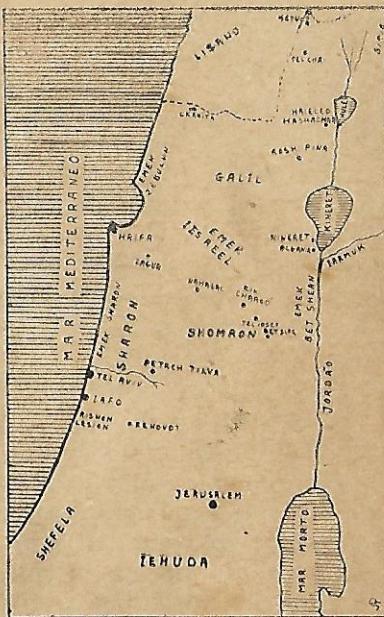
— Ah, vocês mulheres sempre chorando — exclamou Iaakov em tom de desprêzo — Que é que adianta chorar, Sara? Vamos, coragem!

Fez uma careta engraçada e todos sorriram, até mesmo Sara. Geralmente Iaakov tinha o poder de fazê-los rir, mas esta manhã ninguém podia rir. Todos estavam preocupados. Os vinte homens que saíram na calada da noite tinham uma missão perigosa a cumprir e um rapaz, quase uma criança, havia-os seguido no seu destino desconhecido.

Os componentes da "kvutzá" não tinham disposição para rir esta manhã, porque sabiam que a morte e o perigo rondava pela fronteira onde os vinte haviam ido para sua missão. Agora eram vinte e um. A ansiedade que todos sentiam por este último era maior do que pelos vinte restantes, que eram homens valentes; ao passo que o vigésimo primeiro, embora tão valente quanto os outros, não passava de um rapazola de quatorze anos.

### III

Os vinte homens dirigiram-se juntos para o norte, passando por Rosh-Pina (7). Lá a estréla dala saudou-os com um esplendor azul. Uma brisa fresca trouxe nas suas azas o sôpro do Hermon (6)



coberto de neve. O horizonte oriental tornava-se cada vez mais claro, à medida que as estrélas se esvaíam na sua palidez crescente.

Os homens detiveram-se ao pé da montanha, onde a estrada dirigia-se para à esquerda em direção à fronteira.

— Aqui nos separamos, camaradas — disse Ezra em voz baixa — Não se esqueçam das instruções.

Todos êles estavam vestidos com roupas esfarrapadas, e com os corpos envoltos em pesadas “abbaias (2)” marrons, feitos de pêlo de camelo. Alguns calçavam sandálias de madeira, outros estavam descalços. Suas cabeças achavam-se cobertas com “koofias (3)”. Ninguem poderia suspeitar de que não fôssem “felás (4)”. Cada um levava um cesto ou um saco e um galho de arvore por bastão.

— Dentro de quatro dias devemos voltar — disse Ezra — Boa sorte, amigos.

Apertaram-se as mãos e depois separaram-se, em pares, seguindo diferentes direções. Logo desapareceram na cerração vaporosa da madrugada. Por sobre caminhos invisíveis só por êles conhecidos, atravessando montanhas, cruzaram silenciosamente a fronteira e entraram na Líbia e na Síria, onde as fôrças inimigas se achavam entrincheiradas, preparando-se para um ataque.

O companheiro de Ezra, nesta expedição misteriosa, era Elisha. Os dois homens caminharam em silêncio, durante algumas horas, antes de sentar sob uma figueira para descansar e satisfazer sua fome. Achavam-se agora em terras inimigas. As pessoas que encontravam no caminho saudavam-nos sem suspeitar de coisa alguma. Eram “felás” do monte Líbano que se dirigiam para o trabalho ou voltavam da cidade onde vendiam seus produtos. Ninguém suspeitava serem os dois co-

lonos de uma kvutzá do outro lado da fronteira, porque suas roupas eram as mesmas que todos os habitantes desta região usavam.

Ezra e Elisha comeram o pão e as azeitonas que levavam no cesto. Satisfizeram sua sede em uma fonte próxima. Continuaram sua jornada sem suspeitar que, a pouca distância dêles, um jovem rapaz árabe seguia seus passos. Quando se sentavam para comer também ele sentava atrás de uma rocha e comia sua humilde refeição, constituída de pão e queijo, que levava embrulhada num pano. Nunca perdia de vista os dois homens e, quando continuavam sua jornada, o rapaz os seguia conservando a mesma distância, para que não o descobrissem.

Passaram-se três dias desde que os vinte homens partiram para sua missão arriscada.

Ezra e Elisha dirigiam-se agora de volta para a fronteira. Escolheram uma estrada diferente daquela que haviam percorrido anteriormente. Durante os três dias de suas peregrinações, suas barbas cresceram, suas faces e roupas cobriram-se de poeira. Cançados e sedentos, arrastavam seus pés feridos pelos caminhos poeirentos em direção do sudeste. Sabiam que havia um poço a 3 milhas de distância e esperavam alcançá-lo antes do pôr-do-sol.

De repente, uma pesada nuvem de pó apareceu na estrada. Um caminhão do exercito aproximou-se rapidamente e parou diante dêles. O condutor era um árabe e ao seu lado achavam-se dois oficiais. A suástica, num dos uniformes, brilhava a luz dos raios do sol poente.

Dois soldados alemães armados de fuzis saltaram do caminhão, que estava cheio de árabes.

— Subam — disse o condutor aos 2 pedestres.  
— Que é isto? Nós estamos indo para casa — disse Ezra.

O oficial alemão fez um sinal aos dois soldados. Um dêles atingiu Ezra com seu fuzil, amaldiçoando-o num péssimo árabe.

— Subam! — insistiu o condutor. — Não desobedeçam uma ordem!

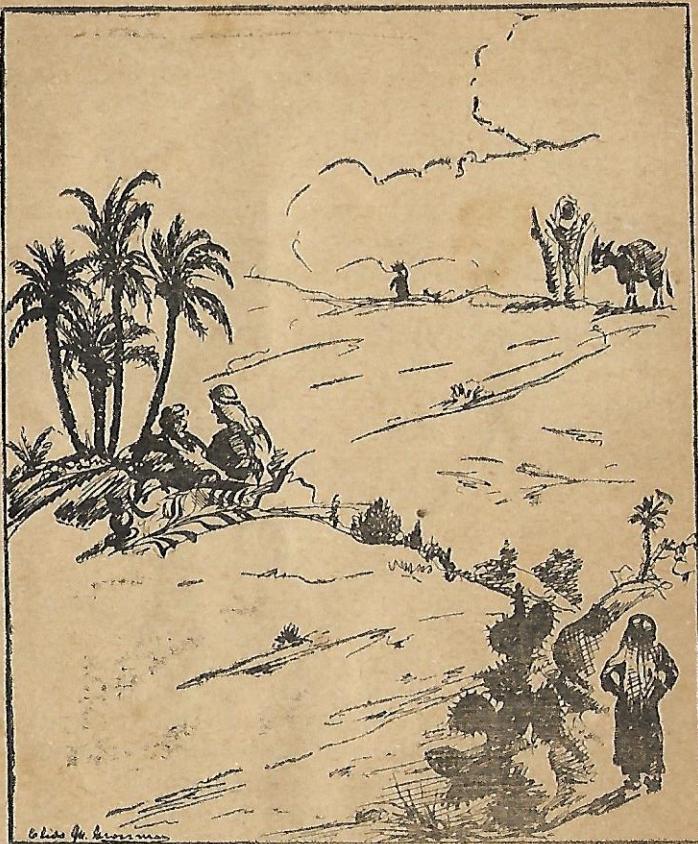
Os dois subiram no carro. Alí já se encontravam cerca de 50 “felás”. Ezra e Elisha ficaram confrangidos e seu desespero aumentou quando reconheceram entre os árabes 5 de seus camaradas, que haviam sido apanhados antes dêles.

— Eu creio que os alemães reunem todos os homens da fronteira para trabalharem como escravos — sussurrou Jonatan quando o caminhão começou a rodar. — Estamos metidos em uma embrulhada!

— Para onde nos levam? — perguntou Ezra.  
— Não sei. Ninguém sabe.

Nem êles nem os outros que se achavam no caminhão repararam numa pequena figura escondida entre os galhos de uma oliveira que se achava na estrada. Quando o carro passou pela árvore, em direção ao leste, um rapaz árabe saltou da árvore. Durante alguns instantes ficou olhando a nuvem de fumaça deixada pelo caminhão. Lágrimas ardentes escorriam-lhe pela face poeirenta e sacudiu violentamente seu punho cerrado em direção do carro. O rapaz, soluçando, pôs-se lentamente a caminho, dirigindo-se para o leste.

Meia hora depois, o caminhão parou num vale. Os árabes receberam ordem de descer e atravessar o portão de um pátio, rodeado por uma cerca de arame farpado. Havia diversas construções de



*Uriel não perde de vista os dois homens e...*

madeira do lado de fora da cerca, mas eram destinadas para moradia dos guardas e para o armazenamento dos utensílios e ferramentas de trabalho.

Ezra e seus companheiros acharam-se logo entre trezentos prisioneiros, que haviam sido trazidos para ali no dia anterior. Cada um recebeu uma "pitta (5)" e cinco azeitonas e tiveram de dormir, tendo o céu por cobertor e o chão duro por colchão.

A's quatro horas da manhã os prisioneiros foram acordados e cada um recebeu uma "pitta" e um pedacinho de queijo. Escoltados por soldados armados, foram conduzidos para o vale, onde receberam ordens de quebrar pedras e nivelar o solo, limpando-o das rochas e restos de árvores. Tinham de fazer o trabalho de máquinas e cavalos, pois os alemães estavam com pressa. Necessitavam de maior número de campos de aterrisagem e não ligavam aos meios empregados para construí-los.

O dia inteiro os prisioneiros trabalharam expostos ao sol escaldante, sem comer. Durante o dia chegaram mais prisioneiros provenientes de todas as aldeias vizinhas. Obrigavam-nos a trabalhar imediatamente. Pouco antes do por do sol, os prisioneiros foram reconduzidos ao campo de concentração. Uma "pitta" e cinco azeitonas foi tudo que receberam como janta.

Ezra e seus cinco companheiros urdiram um plano de fuga. Tinham de alcançar a kvutzá antes do alvorecer. Estavam de posse de informações vitais para os aliados, o ataque da Síria e do Líbano. Tanto os alemães como os aliados procuravam ganhar tempo, e a informação que estava

de posse dos vinte voluntários era da máxima importância. Tinham de chegar ainda esta mesma noite em casa.

Mas não havia esperança de fuga. O acampamento estava muito bem vigiado, a cerca de arame farpado era alta e o arame, grosso e resistente. Qualquer tentativa de fuga representava morte certa.

Eram sete, e não sabiam se Abrão, que era o único que conseguira escapar quando os alemães os capturaram conseguiria alcançar a colônia. Nem sabiam do destino dos doze companheiros restantes.

A noite era quente. A lua em quarto crescente elevava-se no horizonte. Os prisioneiros, em pequenos grupos, achavam-se sentados ou deitados. O lugar estava superlotado de corpos. Os árabes cantavam melodias tristes, suspirando pelos seus lares, campos e vinhas que haviam deixado para trás. As sombras escuras dos guardas passavam de um lado para outro ao longo da cerca.

De repente ouviu-se uma agitação nos portões. Alguém gritava e ria. Ouviu-se uma outra voz chorosa. O portão se abriu e um menino foi atirado para dentro. Caíu no chão — chorando em voz alta.

— Vim a procura de meu pai. Bateram-me e atiraram-me aqui para dentro — contava o menino com voz lacrimosa.

— Quem é o teu pai? Donde vens? — perguntaram diversos prisioneiros.

— Abu Basal é o nome de meu pai — disse o menino.

Logo espalhou-se o nome de Abu Basal pelo acampamento como uma chispa de fogo. “Quem é Abu Basal? Seu filho está aqui!”

Ezra e seus companheiros estremeceram quando ouviram este nome. Abu Basal era o apelido com que os árabes da Galiléia chamavam a Jontan, o guarda. Seria uma coincidência ou uma cidadela?

— Fiquem aqui! — sussurrou Ezra aos seus companheiros. — Vou ver quem é este rapaz.

Abriu caminho até chegar ao lugar onde se encontrava chorando o rapaz. Ezra quase lançou um grito de surpresa ao reconhecer a voz de Uriel. Beliscou seu braço para certificar-se de que não estava sonhando. Não podia acreditar em semelhante coisa. Era impossível. Como poderia Uriel encontrar-se aqui?

Afinal afastou as pessoas que lhe impediam o caminho e tentando controlar sua voz, disse:

— Creio que conheço Abu Basal. Siga-me, rapaz! Eu o vi ainda há pouco, ali do outro lado.

O rapaz, sem parar de chorar, acompanhou o homem. Logo alcançaram o pequeno grupo e o menino reconheceu imediatamente seu pai. Abraçou-o surpreendido Elisha, colocando a cabeça sobre seu ombro.

— Está bem, pessoal! Em nome de Alá, vamos deixá-los em paz! — disse Ezra, afastando a multidão.

— Meu filho, como... como vieste parar aqui?  
— sussurrou Elisha quando conseguiu recobrar a fala.

— Contarei mais tarde, papai — murmurou Uriel, — Preparei vossa fuga. Cortei os pneus dos dois automóveis, e fugiremos no terceiro...

— Mas como?

— Contarei mais tarde, papai, agora não posso. E' melhor nos apressarmos, pois estes cães nazistas ainda podem descobrir os estragos que fiz nos carros.

Elisha ficou boquiaberto diante da capacidade de seu filho. Não disse uma palavra, mas apertou Uriel contra seu peito. O rapaz sentiu as lágrimas ardentes que escorriam pela face barbuda de seu pai...

#### IV

Os sete camaradas reuniram-se e planejaram a fuga detalhadamente. Uriel passara todo o dia anterior perto do acampamento e conhecia portanto muito bem os arredores.

Uma hora antes da meia-noite, todos os prisioneiros achavam-se profundamente adormecidos. Uriel escolheu a parte mais afastada da cerca para ser cortada. Todos eles ficaram ali até que o acampamento estivesse completamente adormecido. Então Ezra cortou três fios de arame e Uriel foi o primeiro a sair, seguido pelos outros. Na escuridão da noite, arrastaram-se algumas centenas de metros até que se levantaram e seguiram Uriel. Ele sabia onde se encontravam os caminhões.

— E' este — murmurou — há uma lata de gasolina dentro. Encontrei-a no outro caminhão e a transportei para cá.

Todos subiram para o caminhão e Abrão ocupou o lugar do condutor. Uriel sentou-se a seu lado, pois conhecia o caminho que levava a estrada principal e tinham de andar a toda velocidade.

— Bem, mãos à obra! Que Deus nos ajude! — disse Abrão e ligou o motor que quebrou o silêncio da noite. As sentinelas alemãs e francesas vieram correndo verificar o que havia acontecido. Ordenaram aos gritos que o caminhão parasse e dispararam diversas vezes.

— Depressa! À direita! — gritou Uriel — Dobre na primeira volta!

O caminhão pulava sobre pedras e cascalhos e as pessoas que se achavam no interior tinham de se agarrar às paredes para não serem lançadas fora. Pouco depois o carro percorria a estrada poeirenta, a mesma trilhada pelos prisioneiros no dia anterior...

Abandonaram o caminhão depois de uma hora de viagem e arremessaram-no num despenhadeiro. A seguir, tomaram o caminho à esquerda da estrada, atravessaram a montanha, e meia hora depois encontravam-se em terras palestinas.

Uriel já lhes contara como viera parar no acampamento. Relatou-lhes como se sentira desapontado quando Ezra recusara sua ajuda e como mais tarde ouvira as instruções que o major dera aos homens.

— Então resolvi seguir vocês e papai. Temia que me mandassem de volta para casa, por isto escondi-me de vocês durante todo o tempo.

Quando foram aprisionados pelos alemães, chorou e sentiu-se desanimado e sozinho.

— Segui pela estrada e perguntei a tôdas as mulheres que encontrei se haviam visto um caminhão. Tôdas elas estavam chorando, pois também seus esposos haviam sido levados para trabalharem como escravos. Foi então que soube da existência do acampamento. Segui para lá e observei como os prisioneiros trabalhavam. Durante todo o dia, permaneci escondido no morro, atrás

das rochas. Pensei como poderia auxiliá-los na fuga, pois sabia que tinham de voltar para casa com as informações. Então, urdi um plano. Estudei bem a zona em que me encontrava. Quando caíu a noite, arrastei-me para baixo. Conseguir estragar os pneus dos caminhões e cheguei perto dos guardas chorando. Pensei que me afugentassem mas, em lugar disto, bateram-me por ter me aproximado perto do acampamento e depois aprisionaram-me.

Estavam agora atravessando o caminho que os levaria a "kvutzá". Os homens conservaram-se em silêncio e Uriel não podia enxergar as lágrimas que corriam pelas faces de seus companheiros.

— Sinto muito ter recusado seu auxílio naquela noite, Uriel — disse Ezra.

— Agora deves estar satisfeito — sorriu Uriel.

— O que eu quero dizer, é que sinto ter feito pouco caso de suas aptidões — continuou Ezra — Deus te abençoe, meu filho.

... E não só salvou a vida de seu pai e de mais seis companheiros, pelo seu ato corajoso, como salvou vosso país e prestou um serviço incalculável ao Alto Comando e à grande causa pela qual todos estamos lutando: a liberdade do mundo".

Assim falou um general inglês no refeitório onde todos os membros da colônia se achavam reunidos. Quatro semanas passaram desde aquela noite em que, neste mesmo refeitório, Ezra e seus companheiros zombararam de Uriel quando apresentou-se como voluntário. Agora todos o consideravam um herói.

Uriel estava inquieto na sua cadeira. Sentia-se muito embaraçado. Cada vez que o general pronunciava seu nome, corava até as orelhas.

— Nossos exércitos vitoriosos encontram-se agora marchando na Síria. O inimigo está em fuga. Tudo isto graças aos vinte voluntários que arriscaram suas vidas para trazerem informações importantes da zona que queríamos atacar. Mas, se não fôsse por êste jovem que está sentado na primeira fila, talvez tivéssemos de adiar o ataque e o inimigo, entremes, poderia fortificar sua posição. Portanto saúdo Uriel pela sua brava ação e também saúdo os vinte homens corajosos que se apresentaram como voluntários afim de auxiliar o comando militar. Não lhes agradeço porque sei

que todos vocês sentem o mesmo que Uriel. Quando lhe perguntei o que gostaria de ganhar como recompensa, sentiu-se quase insultado. "Agi desta maneira pelo meu país e pelo meu povo" disse êle, "quero que as crianças judias sobreviventes da Europa possam ter um lar que os receba. Se os alemaes destruissem nosso país, onde iríamos parar?"

As pessoas que se achavam reunidas no salão aplaudiram delirantemente e o general continuou a falar. Uriel tentou prestar atenção às suas palavras mas não pôde deixar de ouvir a discussão que se travava entre Oved e Gideon, que estavam sentados, juntamente com tôdas as outras crianças da colônia, na primeira fila ao lado de Uriel.

— Ele é um tenente-coronel — murmurava Oved.

— Pois eu te afirmo que é um general-brigadeiro — replicava Gideon.

— Ambos estão errados — sussurrou Uriel — ele é um general.

— Ah, é assim? Pois então prova — exigiu Gideon.

— Pois não! — respondeu Uriel.

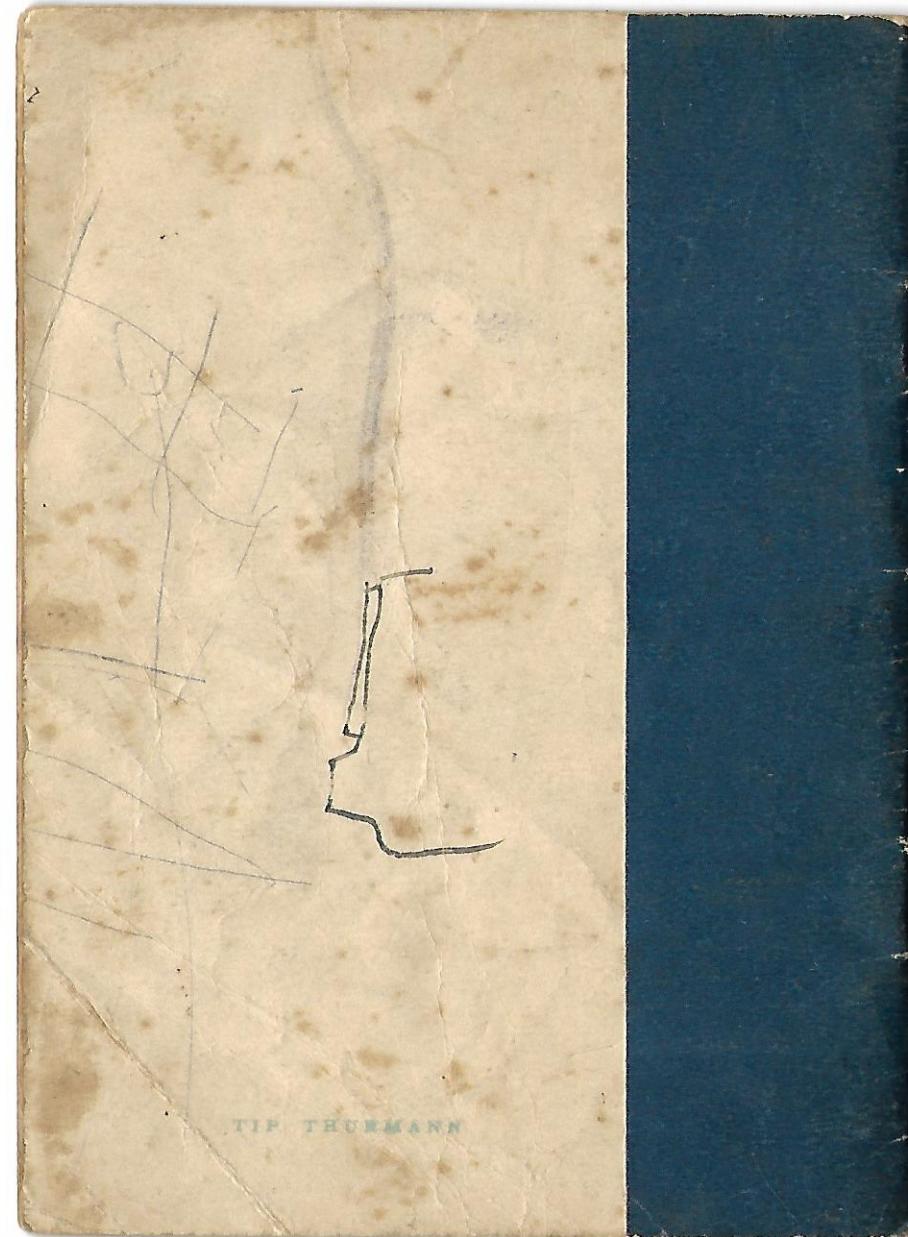
— Como?

Uriel ia começar a explicar, quando de repente as pessoas começaram novamente a aplaudir e o general se aproximou dêle e apertou-lhe a mão. Todos o rodearam, alguém beijou-o e sua mãe apertou-o nos braços. Ficou tão confuso com tôdas estas manifestações que esqueceu de pedir ao general que dissesse a Gideon que não era um general-brigadeiro, mas um General "de verdade"!

SERIE "HABONIM" — N.º 1

Para pedidos e comentários dirigir-se a:  
Organização DROR  
Caixa Postal, 1403  
Porto Alegre — Brasil

CR\$ 3,00



TIP THURMANN